



## De Hollandse minnares

*José Rentes de Carvalho , Harrie Lemmens (translator)*

[Download now](#)

[Read Online](#) 

## De Hollandse minnares

*José Rentes de Carvalho , Harrie Lemmens (translator)*

**De Hollandse minnares** José Rentes de Carvalho , Harrie Lemmens (translator)

Ao deixar a sua remota aldeia transmontana para ser estivador no porto de Amsterdão, Amadeu, o Gato estava longe de imaginar a aventura que viria a ter — uma aventura fugaz e fatal com uma bela mulher estrangeira e rica.

Décadas volvidas e de novo na sua terra, reencontra um amigo de infância. Para lá da meia-idade, os dois redescobrem o prazer de caminharem juntos e conversar sobre o passado. Porém, o Gato, que vive do pastoreio e da contemplação de memórias, não faz ideia do efeito que o seu relato amoroso vai ter no amigo — cuja existência se resume a um casamento gasto, uma carreira mediana a chegar ao fim e ao sentimento de que falhou em tudo na vida. As consequências serão nefastas.

Fria, indiferente, meiga, desenfreada na cama, A Amante Holandesa vai magoá-los, dar-lhes a ilusão de que o amor existe, e aniquilá-los.

### De Hollandse minnares Details

Date : Published September 2000 by Atlas (first published 2000)

ISBN : 9789045002866

Author : José Rentes de Carvalho , Harrie Lemmens (translator)

Format : Paperback 239 pages

Genre : Cultural, Portugal, European Literature, Portuguese Literature

 [Download De Hollandse minnares ...pdf](#)

 [Read Online De Hollandse minnares ...pdf](#)

**Download and Read Free Online De Hollandse minnares José Rentes de Carvalho , Harrie Lemmens (translator)**

---

## From Reader Review De Hollandse minnares for online ebook

### Fernando Nunes says

Rentes de Carvalho é polémico na vida. Na escrita talvez não o seja menos. A Amante Holandesa é um livro que do ponto de vista literário é muito interessante de ler. Já a história é cheia de subtilezas, como as curvas da estrada de Bragança à Vila que acolhe o protagonista. As personagens são profundamente bem caracterizadas. Tanto os do poder telúrico de Trás-os-Montes, dispostos a resolverem, eles mesmos, as questões que se lhes colocam, quase sempre de forma primária; quer os de Amesterdão, para quem as coisas são apequenadas e ultrapassadas mesmo as mais sensoriais. A vida, as vidas, são retratadas de uma forma quase geométrica. Para quem há tantos anos está fora de Portugal é de admirar a forma escorreita como o autor domina a nossa língua.

---

### Raquel says

Esta dicotomia entre o real e o imaginado, entre a memória e o sonho, numa escrita irrepreensível desde o primeiro pequeno capítulo que me cativou de imediato, tornam também esta pequena obra sobre uma amante holandesa que, na realidade, aniquilou os sentimentos de dois homens, um objecto precioso de adoração. A simplicidade com que está descrita a história, a naturalidade dos diálogos, e ao mesmo tempo o seu sentimento trágico e sentido, tão português, levaram-me a colocar este livro na estante em lugar de destaque, para recordar sempre que possível que as grandes obras literárias vêm das mais pequenas coisas. E com esta é impossível não nos identificarmos a cada página que lemos.

<http://leiturasmarginais.blogspot.com...>

---

### Natacha Martins says

A Amante Holandesa relata a história de dois amigos de infância, Amadeu, mais conhecido por Gato e o narrador, a quem o autor não dá nome (pelo menos não dei por isso...). Ambos transmontanos, Gato é pobre e analfabeto e sonha ser correio em Lisboa e, enquanto o sonho não se realiza, é pastor e distribui as poucas cartas que chegam à aldeia no comboio. O narrador é de famílias mais abastadas e não sabe bem o que quer fazer quando for grande, um dia quer ser capitão, no outro piloto, maquinista ou médico. Admirava e invejava a certeza de Gato em querer ser carteiro. Eram amigos, faziam-se companhia.

O livro começa com estes dois a conversarem, na aldeia onde cresceram, Gato a pastorear o seu rebanho e o narrador junto dele, dois homens com quase 60 anos. Gato, regressou da Holanda, há mais de vinte anos, onde esteve emigrado alguns anos e o narrador, professor em Bragança, regressa todas as férias de verão à casa da sua infância, o único sítio onde consegue ser ele próprio e fugir da vida medíocre que vive.

Ganharam o hábito de se encontrarem e enquanto o rebanho pastoreia, Gato conta ao seu amigo de infância a sua aventura na Holanda. Conta sobre a mulher que lá conheceu e amou, Clarisse, uma rapariga com estudos e rica e que nunca foi capaz de esquecer. Fala em regressar para junto dela e para junto da filha que tiveram e que Gato nunca conheceu, sem nunca explicar ao amigo porque veio embora e nunca mais entrou em contacto com elas. Fala de uma história de amor que parece apenas possível nos romances. O amigo, homem infeliz e amargurado, por uma vida que sente ter desperdiçado, por ter casado sem amor, por nunca ter tido a coragem de romper com o que os outros esperavam dele, ouve a história de Gato e sente inveja por não ter sido ele, letrado e culto a ter vivido um amor daqueles. Enquanto o ouve fantasia que é ele quem abraça e beija Clarisse. Gato apaixonou-se por ela "no mercado, um sábado de manhã, tinha-a visto caminhar direita a

ele e sentira-se entontecer como se alguém o empurrasse (...) Do primeiro encontro só lhe ficou essa imagem: o modo de andar", o narrador, por seu lado, apaixonou-se por ela através das palavras do amigo analfabeto e das fotografias que este ainda guardava ao fim de tantos anos.

O livro relata a vida de Gato na Holanda, mas também a sua vida em Portugal, com um mulher que nunca amou que lhe faz a vida num inferno e na qual bate sempre que esta ultrapassa os limites da sua paciência, com os dois filhos que perfilhou mas que tem a certeza não serem dele. Vivendo preso a uma lembrança, que por vezes parece mais ficcionada que real, mas que o corrói, que o impede de ser feliz que o amargura, mas que parece ter-lhe dado algum sentido à vida. Gato encontra no amigo de infância o confidente ideal, arrasta-o para a sua aventura, não se apercebendo do quanto o magoa. Inconscientemente mantém-no preso na sua história, enredado nas suas lembranças, forçando-o a confrontar-se com a vida infeliz que leva, forçando-o a comparações indesejadas e nas quais nunca sai a ganhar.

Do narrador vamos descobrindo as dúvidas que sente relativamente à veracidade da história de Gato, por ser tão difícil de conceber que uma estrangeira inteligente e bonita como as raparigas do cinema, se pudesse interessar pelo emigrante analfabeto, estivador no porto de Amsterdão. Esta é uma personagem perseguida por medos, pesadelos, angústias a que só mais tarde conseguimos dar nome, é tão infeliz que chegamos a sentir pena dele, apesar dos pesares. Regressa todos os Verões a uma aldeia que não gosta dele, que não o compreende mas que é o único sítio onde se consegue isolar e experimentar uma espécie de felicidade, onde vive uma espécie de tréguas com os seus fantasmas interiores. Sem a mulher, que não o acompanha, sente-se livre, não fossem as gentes da terra, naturalmente tacanhas e intolerantes e talvez pudesse ser feliz naquele lugar. Muitas coisas vão acontecer na vida deste homem, desde que se vê sugado pelas lembranças do amigo e alguns dos seus erros do passado voltam para o atormentar. E, sobre a história destes dois nada mais posso dizer.

É um livro difícil de descrever, pois a história é feita de pedaços dispersos das duas vidas destes homens, aparentemente tão diferentes um do outro, mas que afinal são mais parecidos do que se poderia supor. Com segredos inconfessáveis, uns que apenas adivinhamos, outros que se acabam por revelar. É uma história que por vezes não é fácil de ler, porque representa um povo português que, embora me custe admitir, está próximo da realidade. As diferenças culturais e não só, que se detectam nas personagens portuguesas e holandesas são curiosas e, embora pudesse haver a tentação, por parte do autor, de enaltecer os habitantes do país que o acolheu, isso não acontece. Nem uns nem outros saem particularmente beneficiados, cada um com as suas qualidades e defeitos. Os portugueses são retratados como sonhadores, os eternos poetas, apaixonados mas, ao mesmo tempo infelizes, sem saberem bem o que lhes falta para serem felizes. São mesquinhos, invejosos, violentos, intolerantes e incoerentes. As holandesas, porque dos homens não se fala tanto, são frias, calculistas, independentes, um pouco alheadas da realidade que as rodeiam fora do seu mundo confortável. São de certa forma elitistas mas são também tolerantes, abertas a novas experiências, inteligentes, joviais e despreocupadas.

A descrição que ele faz das paisagens da região transmontana, longe dos lirismos de outras obras, é fria, chegando a existir um sentimento de banalização das mesmas, como se fossem mais do mesmo, sem nada que as distinga de outros lugares no globo. Vindo de um transmontano, pode-se estranhar esta opção, mas a realidade é que ao mesmo tempo a imagem que acaba por passar é a de paisagens naturalmente belas, com recantos de uma beleza estonteante, que ficamos com vontade de visitar, porque "cheiram" a casa, a lar e a conforto.

Por último digo que *A Amante Holandesa* é um livro desconfortável, angustiante e amargurado, com alguns laivos de ternura, com momentos brilhantes e risonhos. É um livro que mexe com "aquilo" (a que não sei dar nome) que nos une como povo, "aquilo" que nos faz sentir, irracionalmente felizes e inchados de orgulho, quando algum estrangeiro nos diz como somos amistosos e como o país é lindo, mesmo que racionalmente muitas vezes tenhamos a sensação de que não será bem assim.

Já vai longa esta minha opinião, e por isso não vou prolongar mais, embora muito mais houvesse para dizer. Termino recomendando, mais do que este livro em particular, o escritor e a sua visão do mundo tão desempoeirada, sem pudores e sem receios de desagradar. Recomendo!

### **Teresa Abecasis says**

Assim que começamos a ler, somos imediata e naturalmente transportados para o interior da cabeça do narrador. Como ele, ouvimos as histórias do gato, fazemos as mesmas perguntas, sentimos aquela inveja. Quando estamos na aldeia, o olhar e os comentários dos outros são para nós, as desconfianças nascem de dentro de nós. Uma verdadeira experiência virtual através da escrita.

---

### **Ana Cravo says**

Excelente leitura, vale a pena apenas pela escrita maravilhosa e cuidada. O enredo não é mau, mas é uma história pesada e amarga. Não é um livro animador, mas um bom exemplar de literatura moderna portuguesa.

---

### **Sonia Almeida Dias says**

Os livros de Rentes de Carvalho são sempre belos e duros, como as paisagens que encerram. Este não fugiu à regra.

O narrador e o seu amigo nos seus longos passeios pela serra atrás do rebanho vão falando do passado, do que fizeram, do que viveram, do que deixaram para trás, mas principalmente dos sonhos não atingidos, dos arrependimentos que têm, e sobretudo fica entre os dois no meio da serrania, muita coisa por falar e por admitir.

Os bons livros deixam-nos sempre mais interrogações sobre nós próprios e a nossa vida, do que perguntas respondidas, e foi exactamente isso que este autor fez aqui. Aconselho a todos os que gostam de boa literatura, mas sem medos de temas e palavras fortes, porque aqui se põe a nú muito do que é a alma dum povo, a mentalidade de matilha, o desalento da meia idade, coisas que poderemos ter pudor de ler.

<https://peixinhodepratablog.wordpress...>

---

### **Ricardo Moreira says**

Não conhecia nada do autor, pelo que foi uma grata surpresa este "A amante holandesa".  
Aguçou-me a curiosidade para ler mais livros do José Rentes de Carvalho.

---

### **Isabel says**

"No planalto o carreiro torna-se largo e o olhar espraia-se até à lonjura onde as cores e as formas se casam, deixando-me indeciso sobre o que é o monte e o que é nuvem, devolvendo-me à fantasia, a imaginar que vida teria tido para lá do horizonte, perguntando-me porque não ousei."

Este livro fez-me sentir desconfortável: todas as suas personagens são caricaturas de gente que conheço ou conheci. A começar pelo narrador, o professor de liceu. Na realidade, aquele professor tem uma vida de fracasso, típica, de quem tem medo de arriscar e se fica pelo que é certo. Quando no início do livro acompanhamos a infância dele e da do "Gato", ficamos com a expectativa que a vida dele, narrador, será de muito maior sucesso que a do Gato. Desde logo pelo facto de ele ter tido a oportunidade de estudar e, aparentemente, ser de uma família com mais posses financeiras. No entanto, a vida do tipo é um fracasso. Definitivamente, um fracasso ainda maior que a vida do Gato - esse ainda teve a ousadia de sonhar e fingir que viveu uma vida que não teve.

Gosto destas histórias passadas no interior do país porque me transportam para lá. Mas, ao passo que as viagens para Évora no Vergílio Ferreira são agradáveis; as viagens para Bragança e para "a aldeia" no Rentes de Carvalho, são odiosas.

O interior do país do Vergílio é uma ficção. É um interior de cultos. Mas em Rentes, a viagem ao interior do país é a viagem ao "país real". Ao país em que as pessoas ficam atarantadas quando uma estrangeira vem em busca da terra do próprio pai - pela ameaça dos bens. Infelizmente, é neste país que me revejo. É este o país que conheço. O país das contendas por uns metros quadrados de terra; o país que fala em "paneiros", "maricas"; para quem pensar e ser diferente é ser aberração.

O país de Rentes de Carvalho não teria lugar num discurso de posse do Marcelo. Mas não deixa de ser Portugal.

---

### **César says**

A tristeza de vidas não vividas. A ignorância e a maldade do interior rural, a inveja, a pequenez, a miséria, o medo e a forma como se entrelaçam e se alimentam são temas que J. Rentes de Carvalho conhece tão bem como conhece a grandeza das pessoas comuns.

Este foi o meu quinto livro dele e não canso de o elogiar: ainda não consegui descobrir português vivo que lhe faça sombra.

---

### **José says**

Só pelo vocabulário empregue já justifica o tempo de leitura.  
O "Ernestina" divertiu-me bem mais.

---

### **Luís Macedo says**

Porque qualquer momento na vida serve para uma crise de percurso, de identidade, de escolhas, de percepção das distâncias entre os sonhos e a cruel imposição da realidade. Em duas versões, dois amigos experimentam-na e encontram para ela a solução costumeira: habitua-te ou deixa de viver. Uma história simples, sem um final feliz, onde se aprende (ou reconhece) que é possível viver os sonhos dos outros como terapêutica antidepressiva para o buraco deixado pela desmaterialização dos nossos.

---

## **Mónica Leirião says**

história que prende do início ao fim, e que termina não terminando.

"Refreio-me em vão, porque o sonho e o desejo podem mais. Páro o tempo, a querer que este momento se perpetue e a vida possa ser assim, uma serenidade a dois, a beleza dela imperecível, o temporal e o mundo fora de portas."

---